

# O Messador

Redactores diversos

Orgão da Colonia Z-2 „Nossa Senhora da Graça“

Publicação mensal.

Assignaturas :

Anno . . . . . 4\$000  
Semestre . . . . . 3\$000

Anno I

São Francisco, 7 de Setembro de 1922

N. 7

7 de Setembro

1822 — 1922

Brasileiros! seja o nosso primeiro pensamento, ao despontar deste dia de glórias immarcescíveis para a nossa estremecida Patria e de jubilo incomparavel para todos nós, uma prece ardente ao Creador, em acção de graças pela felicidade suprema que nos outorgou, de termos nascido no Brasil.

Senhor Deus! que as benções do vosso amor desçam sobre o Brasil e que fulgure sempre no céu limpido e primaveril desta grande Patria, como symbolo eterno dos nossos ideaes e dos grandes destinos que a vossa Misericordia traçou para a Nação Brasileira, o CRUZEIRO DO SUL, orientando os nossos passos no caminho da paz e da solidariedade, como sacrosantos lemmas das relações individuas entre todos os brasileiros e da concordia como principio fundamental das nossas relações internacionaes. Guardai-nos, Senhor, das tendencias avassaladoras! Que os nossos triumphos sobre os outros povos, sejam sempre os da conversão pelo exemplo edificante, pela pratica das virtudes christãs, pelo espirito de commhão universal na grande obra de preparação do Planeta para o advento do reino de Jesus.

Terra Brasileira! Terra sobre a qual foi alçada, como padrão imperecível, ao despertar para a civilização, a cruz do Redemptor — bomdita sejam tu entre as nações do orbe!

Terra brasileira, que vivias adornada, escutando os doces carmes de Iracema; que te remiravas, formosa, no espelho refulgente dos „verdes mares bravios da minha terra natal“ e que prodigalisavas aos teus filhos todas as delicias do eden — a elles que passavam, indolentes, no berço das pirogas, docemente embalados pela onda murmura e suave de teus rios . . . um dia, quando mais tranquillos, os pagés, no fundo das suas ocaras, contavam aos jovens guerreiros as luctas gloriosas dos velhos fundadores da sua tribu e transfundiam-lhes, nas almas ardorosas, aquella esperança — tradição longinqua da nossa raça — de que, sob os ramos umbrosos das tuas grandes arvores, se ergueriam palacios coruscantes de ouro e pedrarias, em cidades maravilhosas; quando mais serenas, as encantadoras, meigas tups davam os seios, prenhes de leite, aos tenros filhinhos do seu amor, veio ecoar, nas encostas de tuas montanhas, um bulicio de remos desconhecido, um mysterioso murmuro de vózes estranhas e jamais escutadas, em contrastes de dor pungente e de fé arrebatadora!

Fogem, espavoridos, para o fundo dos bosques, os ingenuos possuidores dos teus thesouros e, ao volverem do seu primeiro assombro, encontram, Terra brasileira, a orla das tuas praias agrilhoada ao bergantim luzitano e contemplam, attonitos e maravilhados, sobre a encosta ridente de formoso outeiro, um grande symbolo, em torno do qual, genuflexos, guerreiros desconhecidos rezam baixinho — a cruz do Martyr do Calvário!

Desde então começou a desenrolar-se no scenário immenso dos teus campos, dos teus bosques, das tuas serras; nas margens dos teus caudalosos rios, nas praias infundáveis do teu littoral; por toda a parte onde vicejava uma palmeira, ou cantava um sabia, ou gemia uma voz debil de mulher, entoando os tristes carmes da saudade, esse assombroso drama de lagrimas, de desespero e de vindictas atrozés, através do qual se foi operando, no transcurso de tres seculos, o caldeamento de raças diversas para a constituição do povo mais heroico e mais perfeito que vive sobre o planeta.

Condição fatal, imposta a nações viris e nobres, que as facilidades da existencia immobilisaram para os surtos da civilização, supportou a a grande alma brasileira como um baptismo regenerador. Noite profunda e tormentosa velara, durante trezentos annos, esquecida sobre o outeiro, a cruz redemptora; mas os elos da corrente ferrea estavam visiveis, a luz coruscante das queimadas, agrilhoando uma terra opulenta e grandiosa a um bergantim minuscuro . . .

Despojavam-nos de tudo: do ouro das nossas minas, da belleza das nossas florestas, do sorriso das nossas virgens. De uma cousa, porém, incomparavelmente superior a tudo isso, que nos pertence como conquista multi-secular, como patrimonio sagrado de uma raça — thesouro indestructivel pela sua natureza espiritual — não lhes era possivel despojar-nos: a força intrinseca do nosso caracter, força que jazia latente, aguardando o instante da sua maxima expansão para restituir-nos a liberdade.

Esse instante chegou. E todo o dynamismo de uma grande Nação entrou a funcionar com tendencias visivelmente destruidoras: da tyrannia, da corrupção, de todos os males que nos foram inoculados na alma durante tres seculos de vida colonial. Foi o 7 de Setembro de 1822. Já então atingiramos a virilidade necessaria para garantir-nos das tendencias dominadoras da metropole. — „Pedro, si outro ha de cingir a corôa do teu grande Imperio que se ergue, põe-na tu em tua cabeça“ — exclamava ainda a esse tempo D. João VI, num derradeiro e supremo esforço para conservar a posse desta maravilhosa

terra que de ouro e pedrarias encheira as arcas do thesouro metropolitano e de pão, amassado com o suor de rostos brasileiros, os seus insaciaveis depositos ultramarinos.

Ao lado do braço luzitano erguerase, porém, o braço brasileiro. Quando Pedro I, ao soltar o grito de „Independencia ou Morte“, olhou ao redor de si e começou a esboçar um sorriso, com evidente ironia, prestes a vangloriar-se de ter, assim, posto um dique a torrente das aspirações nacionaes, que revolteava, bramindo, contra as muralhas da oppressão, sentiu esse machavelico sorriso petrificar-se em seu rosto num rictus indelevel de surpresa atroz, ao ver que perto de si pulsava indomito um coração brasileiro — José Bonifacio. E o que fora ardil satânico, passou a constituir para nós, brasileiros, pelo milagre daquela conversão subita de um príncipe estrangeiro a causa nacional, o maior titulo do nosso orgulho patrio, a mais bella pagina da nossa Historia!

Entramos no periodo das demolições salvadoras e a acção nacional começou a expurgar a nossa Patria dos residuos maleficos que nos deixára o dominio trisecular da metropole. Esse periodo foi longo, podendo-se affirmar que se prolongou até 15 de Novembro de 1889, no momento em que, com a destruição do thronno, demolimos a ultima bastilha que nos ficara, como herança da dominação estrangeira. Iniciamos então, gloriosamente, desta ultima data em diante, o periodo aureo da reconstrução nacional, moldando a nossa feição tudo que é nosso, definindo em traços positivos a linha do caracter brasileiro.

E hoje, lançando um olhar carinhoso pela nossa Patria, descobrimos, em vez da ferrea corrente que vinculava um grande paiz a um bergantim minuscuro, os elos de uma cadeia de luz que nos liga a todos os povos da terra, num amplexo de amor e solidariedade internacional.

Na magnifica explosão da felicidade que se expande por toda a nossa Patria, neste grande dia de jubilo nacional, explende, como symbolo dos nossos ideaes, o CRUZEIRO immaculado que se destaca do céu, alçado sobre nossas cabeças, convidando-nos a continuar o nosso trabalho de construção sob a égide da Fraternidade, como principio fundamental das relações entre brasileiros e da Concordia, como base indestructivel das nossas relações internacionaes.

Voltemos, porém, um instante, em exame retrospectivo, a nossa attenção para o passado e elevemos as olatas do nosso culto civico aos grandes vultos da Nação Brasileira.

Glorifiquemos a memoria do Tiradentes, concretisando nessa figura le-

gendaria da Historia Nacional, todos os surtos da alma brasileira, ao tempo da dominação luzitana, para conquistar a nossa independencia politica.

Glorifiquemos o nome impolluto de José Bonifacio de Andrada e Silva — resumo de todas as volições da vontade e da energia de um povo, explendendo na epopeia de sua independencia, que tem como heroes esses impavidos bandeirantes — archétypos da nossa raça — intrepidos e destemerosos, quer no esforço varonil para desbravar os sertões inacessiveis quasi do solo brasileiro, quer na audaciosa investida contra a absorção estrangeira, partindo os elos da dominação colonial!

Glorifiquemos o príncipe dos nossos poetas e a serenissima princeza, como figuras de relevo no movimento abolicionista: Castro Alves, symbolo augusto do coração piedoso dos brasileiros, clamando aos céos contra o opprobrio da escravidão; a Princeza Isabel, reflexo da alma apaixonada e cheia de virtudes da mulher brasileira, ouvindo entre soluços de consternação o dedilhar da lyra do poeta e, genuflexa ante o thronno de Deus, demolindo o thronno imperial dos seus maiores, não obstante a advertencia prophetica de Cotegipe, para construir com os seus destroços uma patria livre para o povo negro.

Gloria a D. Pedro de Alcantara de Orleans e Bragança — o magnanimo e grande Imperador do Brasil, „neto de Marco Aurelio“, como o chamara Victor Hugo, symbolo portentoso da nossa cultura e do nosso caracter, do amor sem limites a Patria, preferindo a perda do thronno e o exilio, ao derramamento de sangue brasileiro.

Gloria aos invictos obreiros do futuro, que trabalharam infatigavelmente pelo nosso progresso, pela conquista da nossa liberdade — consubstanciados nesses dois vultos que constituem a expressão magnifica do ardor de toda uma cohorte de brilhantes estadistas na grande obra de integração nacional: Deodoro da Fonseca e Barão do Rio Branco.

Gloria ao maior dos brasileiros vivos, cujo nome é um paradigma da cultura universal, uma synthese luminosa dos ideaes de um grande povo — Ruy Barbosa.

Eis, brasileiros, os symbolos angustos da nossa Patria. Intangiveis no fulgor da sua gloria, não consintamos que a respeito da memoria delles prevaleçam conceitos demolidores.

A Historia não é feita de retalhos informes; explende, porém, na integridade dos grandes fastos humanos.

O estatuário não se detém ante os fragmentos da rocha; mas contempla extasado o bloco central de onde surge a obra prima do genio.

Demos largas aos impulsos dos nossos corações patriotas, neste dia sem par de gratíssimas recordações, em que escutamos a symphonia grandiloqua das selvas brasileiras, dos mares intermináveis da nossa Patria, do trabalho livre das nossas officinas, do murmuro alacre das nossas escolas, psalmodiando o hymno sacrosanto da Independencia, em accordes divinas que invadem os nossos corações de suprema felicidade, sentindo-nos brasileiros pelo vinculo da Patria, pelos indestructiveis liames do nosso amor.

Sim, amor que não deve quedar-se contemplativo ante as maravilhas que nos cercam; mas desdobrar-se em actividades beneficiadoras, patentear-se em surtos constantes de trabalho pelo engrandecimento nacional, sem pruridos de personalismo, na conscienciosa porfia de melhor corresponder a magnanimidade do Creator que nos concedeu a suprema graça de nascermos em terras do Brasil.

**Arnaldo S. Thiago**

S. Francisco — Santa Catharina, 7 de Setembro de 1922.

## Um bello exemplo

Em todos os pontos da ilha de S. Francisco, onde existe uma escola da Colonia de Pescadores Z-2, „Nossa Senhora da Graça“, estão se registrando neste momento solemnidades civicas de grande realce e indiscutivel proveito para a educação civica da nossa infancia e quiza de toda a população da zona rural, até agora alheia e estranha aos grandes factos da nossa Historia.

A magna data de hoje está sendo celebrada nesses logares (Rio Grande, Estrada do Acarahy, Monte de Trigo, Ubatuba, Enseada, Ilha do Mel e Figueira) com enthusiasmo indescrivivel, como estamos autorizados a antecipar, em virtude dos preparativos que estavam sendo feitos, desde meados do mez passado, para esse fim patriótico, de accordo com as instruções expeditas aos professores das escolas da Colonia, pela respectiva directoria.

Em todas essas escolas tremula, neste momento, o pavilhão nacional que lhes foi antecipadamente remittido e em torno do symbolo querido da patria a infancia entoa jubilosamente os canticos triumphaes inspirados pelo amor civico dos nossos poetas. Trezentas crianças, os filhos dos nossos pescadores, eiguem ás skas vözes cantando o hymno da independencia e aquellas populações, até então indifferentes quasi aos sentimentos de amor patrio, assistem maravilhadas a renascença de um grande povo a que o destino traçou nobres empreendimentos.

No proximo numero daremos detalhada noticia dessas festividades, a que está associada toda a população das zonas de pesca citadas e logares circumvisinhos.

E' de justiça, entretanto, que

realcemos essa brilhante conquista civica da Colonia Z-2 que, si outros titulos não tivesse para recommendal-a á estima publica, bastaria esse para demonstrar o quanto tem feito em prol dos interesses reaes e da educação civica dos pescadores que lhe são associados.

Algumas das bandeiras com que foram presenteadas as escolas da Colonia constituem dadivas generosas das madrinhas dessas escolas, cujos nomes citaremos noutro local, prestando-lhes a homenagem da nossa gratidão.

## Regimen penitenciario

O conceito que está na consciencia de todo homem culto, relativamente á acção da Justiça, é de que esta se exerce no sentido de reprimir e corrigir as transgressões á lei e jamais com o intuito de vingança, fundamentalmente contrario aos principios moraes em que assenta a civilização christã, cujos fructos constituem o melhor patrimonio das modernas gerações.

Si é este o conceito de Justiça, o actual regimen de reclusão dos delinquentes, vem a se lhe constituir antagonico e mesmo attentatorio da noção elevada em que é tido, entre os povos cultos, o contröle social á liberdade dos cidadãos.

O postulado maximo do direito criminal, não pode, effectivamente, ser outro sino este: defeza da communhão social e regeneração do individuo.

Nos proprios paizes onde subsiste ainda a pena de morte, oulta não é a noção de Justiça.

A França, por exemplo, tem seu regimen penitenciario organizado de modo a collimar esse resultado. O que alli se verifica, com relação aos criminosos condemnados á pena ultima, é que a mentalidade franceza presuppõe, para estes, a impossibilidade da regeneração e diante desse facto que lhe parece inconcuso, a sociedade lava as mãos relativamente á correcção individual e objectiva apenas, com a sentença de morte, proferida pelos seus tribunales, a defeza da moral publica ultrajada em detrimento do direito individual á fruição da vida.

Assim, ainda em face da pena ultima, erronea e attentatoria, é bem verdade, de uma lei divina, não se pode acoirnar de vingativa a acção da Justiça que é, neste caso, meramente defensiva, collimando a conservação de todo com o sacrificio de uma das partes.

Não é outro o espirito da lei brasileira, quando applica a pena maxima do nosso codigo aos delinquentes a que ella attribue as maiores transgressões, com esta

diferença fundamental, entretanto: a de admitir, até para os maiores criminosos, a possibilidade da regeneração.

De modo que, si a lei franceza que tomamos aqui para confronto, apesar do seu criterio de eliminacão do individuo em determinados delictos de excepcional gravidade, reconhece a necessidade de cuidar do seu regimen penitenciario, adaptando-o ao fim generoso da rehabilitação, pelo trabalho e a instrucção, dos delinquentes, em casos menos graves, perante a lei brasileira que admite a possibilidade de regeneração para todos os delinquentes, tal necessidade vem a se constituir indeclinavel dever dos poderes publicos, aos quaes cumpre a direcção do Estado inteiramente de accordo com o espirito das leis sobre cujo molde se plasmou o organismo colectivo.

Não obstante, nação alguma civilizada tem descurado tanto, como o nosso paiz, esta questão relevantissima.

O nosso regimen de prisão simples, consegte apenas, nos moldes actuaes, transformar em criminoso o delinquente. Ora, si este é susceptivel de regeneração, aquelle, na mör parte dos casos, não o é. Dahi é facil inferir que a justiça, collimando defender a sociedade e corrigir o individuo, é frustrada em seus nobres intuitos por uma situação de facto que oppõe ao platonismo dos seus arestos a positividade do contraste material com essa noção elevada de justiça.

Urge, pois, tomarmos novos rumos, com relação ao assumpto.

Proporcionando instrucção e trabalho aos delinquentes, o Estado converterá os individuos viciosos por indole ou por defeito de educação, em elementos uteis á sociedade.

Estas linhas são escriptas ainda sob a impressão que nos ficou de uma visita á cadeia publica desta cidade.

Sabem todos que ella não foi feita nos moldes peculiares a uma penitenciaria; é simplesmente uma prisão.

Pois bem, constatamos alli um facto que nos encheu de viva satisfação, qual o de termos encontrado todos os reclusos trabalhando com semblante alegre, parecendo antes operarios de uma fabrica do que miseros condemnados á prisão.

Com esse devotamento ao trabalho contrastava o ambito limitadissimo em que exerciam sua actividade, criando entraves ao exercicio da profissão que aprendiam no carcere e que lhes serve hoje de lenitivo ao isolamento e amanhã talvez de arrimo na travessia da existencia livre.

Porque é uma profissão utilissima á que elles se applicam: Um dos detentos sabia confeccionar cestos grosseiros de cipó imbé, uma das convolvulaceas

mais communs ás nossas florestas.

Para matar o tempo, obteve na prisão um pouco desse material e preparava rusticos utensilios, vulgarmente chamados *balaios*, que eram vendidos a pouco preço.

Mas ao seu espirito, sequicso de qualquer coisa em que se occupar, occorreu a idéa de melhorar o feitto do cesto primitivo e de reforma em reforma eis descobre um processo novo de tratar a excellente fibra daquella convolvulacea, surgindo então uma industria que, embora incipiente, já fornece ao commercio elegantes cestinhas de costura, bandejas e outros objectos de modelo variado e bellissimo aspecto, mas susceptivel de grande aperfeiçoamento, chegando talvez até á fabricação de chapéus semelhantes aos de „Chile“, pois a fibra do „imbé“ é de uma flexibilidade e resistencia admiráveis.

Entretanto a unica applicação que tinha, outr ora, esse material consistia na confecção de cestos grosseiros e como substituto da cordoalha nas cercas de ripa.

A todos os demais detentos ensinot aquelle companheiro de infortunio a arte de confeccionar esses lindissimos objectos de cipó — o que para todos elles constitue fonte de renda e lenitivo ás tristezas da sua reclusão.

Desse modo tornaram-se doces, obedientes, pacificos, louvando-nos o carcereiro o comportamento irreprehensivel dos mesmos.

Eis ahi um exemplo real do alcance que tem, para a regeneração do character, a transformação das prisões em officinas e escolas.

Não retardem os homens de governo, em nosso paiz, a solução desse importantissimo assumpto, em torno do qual têm sido feitas considerações de grande alcance que, entretanto, não lograram ainda levar a questão, da esphera das cogitações idealistas para o terreno solido das realizações praticas.

Em nosso Estado, ao que sabemos, já existem estudos e planos elaborados com o intuito de resolver o problema, parecendo-nos que esse trabalho é da autoria do Snr. Desembargador Dr. Salvo Gonzaga, no tempo em que exercen o cargo de Chefe de Policia da Capital.

Occorre-nos mesmo a circumstancia de ter sido obstada, em 1917 ou 1918, a apresentação de um projecto nesse sentido, ao Congresso Representativo do Estado, sob a allegação de que a reforma já estava autorizada, restando apenas põ-la em execução.

Si é este o facto, julgamos opportuno ventilar o assumpto que certamente encontrará apoio na actual administração do Estado, a cuja frente se destacam homens conheedores das neces-

sidades publicas e profundamente interessados na felicidade dos seus jurisdicionados.

## NOTICIAS

O „Journal do Commercio“, da Capital da Republica e „O Estado de São Paulo“, da capital paulista, em suas edições de 26 do mez p. p., publicam o seguinte telegramma, endereçado ao Sr. Dr. Agenor de Roure, Secretario da Presidencia da Republica, pelo presidente da Colonia Z-2:

„S. Francisco (Santa Catharina) -- 23.

Profundamente grato ao Sr. Presidente da Republica pelas innumeradas atencões dispensadas á colonia de pescadores Z-2, Na sa Senhora da Graça, declaro que continuarei a empregar os melhores esforços, afim de levar a bom termo o nobilitante encargo que me foi confiado pelos pescadores.

Rogo que communiqueis ao Sr. Presidente que 300 alumnos das escolas da Colonia e toda população praieira desta ilha, commemorarão jubilosamente o Centenario da Independencia e nesse dia festivo tremulará em cada escola dos mais longinquos recantos da colonia, o pavilhão nacional que será saudado com o hymno nacional e canções patrioticas entoados pelos filhos nossos pescadores. Atenciosos saudações.

Arnaldo Santiago — Presidente.

O telegramma acima transcripto foi passado em resposta

### Folhetim d' „O Pescador“

#### „CRUZEIRO DO SUL“ -6-

Narração da estupenda victoria do Club nautico franciscano, nas regatas de 15 de Novembro de 1921, em Florianopolis.

Diziamos que passou em silencio, sob as vistas daquella multidão, a primeira Jole do „Cruzeiro do Sul“. Todavia, um pequeno grupo de moços, premido pela multidão em certo ponto do extenso cães, acompanhava com interesse todos os movimentos da pequena Jole. Os seus corações, pulsaram naquella instante, frementes, no recolhimento intimo da grande commoção que os empolgava. Por um desses movimentos espontaneos, entreolharam-se: cada um delles percebeu no semblante dos outros a lividez das grandes emoções.

Muito mais com a alma do que com os olhos, acompanhavam os desse pequeno grupo o sereno deslizar da Jole que demandava, ao lado de

a um telegramma do Sr. Dr. Agenor de Roure, em que communicava ao presidente da Colonia Z-2, ter o Sr. Presidente da Republica recebido o n. 6 d „O Pescador“ e agradecendo a remessa do mesmo órgão em nome de sua ex.

Essas demonstrações de apreço do primeiro magistrado da Nação trazem, como é natural, um grande conforto aos nossos pescadores e á directoria da Z-2.

Da senhorita Dulcemar de Moura Branco, distinctissima madrinha da escola „Professor Joaquim S. Thiago“ recebeu a directoria da Colonia Z-2 uma bandeira nacional destinada á referida escola.

Muitissimo penhorada, a directoria agradece, por nosso intermedio, a valiosa offerta.

### Club nautico „Cruzeiro do Sul“

Realizou-se no dia 13 do mez p. p. a cerimonia do lançamento da pedra fundamental da sede desta util sociedade sportiva, em presença das autoridades locais, inumeros cavalheiros e exmas. familias.

Depois da benção pelo Rev. Frei Liborio Grêve, abriu a solemnidade o illustrado Secretario do Club Nautico „Cruzeiro do Sul“ Sr. Professor José Nicodemos dos Santos que em vibrante allocução conceitou os jovens socios do Club a prestigiarem a acção da directoria nesta phase de trabalho do Club nautico, tornando estensivo esse appello aos presentes no que foi secundado pelo nosso director, professor Ar-

outras, o ponto de partida, onde se achavam severos juizes dirigindo as regatas.

Ja decidir-se o 2. pareo, no qual tomavam parte cinco clubs: „Riachuelo“, „Alto Luz“, „Martinelli“, velhas associações sportivas da Capital do Estado, todas com uma lista valiosa de valiosos triumphos; „Barroso“, o denodado campeão nautico de Itajahy e „Cruzeiro do Sul“, o nosso club local, fundado havia apenas um anno, bem novo para as pugnas do remo, arriscando-se pela vez primeira a essa empreza que todos, desde Itajahy até Florianopolis e mesmo em S. Francisco, appellidaram temeraria.

Associação recentemente organizada, sem ter tido tempo ainda de conquistar os seus brazões, pouca attenção despertava: assim, a pequena Jole passou, como andorinha entre aguias, para a porfiada pugna do 2. pareo, tendo por unicas acclamações de incitamento, cinco ou seis vözes perdidas em meio daquella formidavel explosão de ovações populares.

Todas as vistas, todas as atencões convergiam então para o ponto de partida das vélozes

naldo S. Thiago, sendo ambos os oradores muito applaudidos.

Após teve inicio a cerimonia do encerramento da urna contendo a acta da solemnidade, discurso do Professor Nicodemos, exemplares d' „A Razão“ e moedas de prata e nickel, finalizando a linda festa com a collocação dessa preciosa urna sob o alicerce onde se erguerá, majestoso, o novo edificio do „Cruzeiro do Sul“.

Por nossa vez fazemos votos para que esteja logo concluido esse predio que se destina a fins utilissimos.

Com a Exma. senhorita Lina Görresen de Araujo, filha da exma. viuva D. Emilia Görresen de Araujo, contractou casamento o nosso distincto amigo, Sr. Octacilio Bello de Amorim, funcionario da Fazenda Federal.

Nossas felicitações

Acha-se felizmente quasi restabelecida da grave enfermidade de que foi acommettida, a Exma. Snra. D. Rosalina Branco, virtuosa consorte do nosso amigo Sr. Leonidas Branco, proecto despachante aduaneiro.

Temos immensa satisfação em registrar as seguintes doativos recebidos pela directoria da Colonia Z-2, que por nosso intermedio manifesta sua gratidão aos offertantes.

Sr. coronel Carlos Hoepcke, para aquisição de material para as escolas da Colonia 20 \$000

Sr. Deputado Dr. Arthur Costa, em nome de sua exma. esposa Da. Thereza Christina

embarcações. Uma grande animidade communicativa dominava todos os espectadores. Sentia-se a commoção latente que empolgava todos os espiritos, sopitada apenas pela incerteza do desenlace.

De subito, um agudo silvo, seguido de forte estampido, annuncia a partida das Joles. Começou então esse formidavel e caracteristico ondular da multidão, que sempre se observa nessas occasiões e que tem alguma coisa do arfar magestoso do oceano quando o impelle para as dunas do littoral o fluxo e refluxo de suas vagas.

Todos procuravam melhores posições; porfiavam todos por encontrar qualquer accidente do terreno que lhes permittisse melhor apreciar a corrida das embarcações.

Instantes de silencio, minutos de expectação!

A alma popular estava suspensa nas azas da preoccupação obsidiante do desenlace!

Este, em traços imperfeitos, o aspecto da multidão que accorrera a apreciar as regatas.

Os titans do remo offerciam

Baptista Costa, Madrinha da Colonia — para compra de bandeiras nacionaes destinadas ás escolas da Colonia 100\$000

Senhorita Luiza de Souza Lima — Madrinha da Escola Tenente Zenithilde — 1 bandeira nacional.

Exma. Sra. D. Luiza da Costa Pereira Osorio — Madrinha da Escola Presidente Epitacio — 1 bandeira nacional.

Os nossos distinctos amigos Snrs. Jayme Bricio Guilhon e Marcial Faria da Veiga, respectivamente inspector e secretario da inspectoría da Alfandega desta cidade, dirigiram-nos delicados cartões de agradecimento pela noticia que demos da sua posse naquelles cargos, em nosso numero passado.

Afim de attender á solicitação do Sr. Commandante do Cruzador Auxiliario „José Bonifacio“, as directorias das Colonias Z-2 e Z-1 remetteram áquella autoridade diversos especimens, em miniatura, de appparelhos e embarcações de pesca usados em S. Francisco, como sejam, tarrafas, puças, espinheis, remos, canoas, velas, rédes, etc., etc. e bem assim um memorial allusivo aos mesmos objectos.

### Tubaronense

Temos sobre a mesa o 1. numero deste bem orientado órgão da imprensa catharinense, que acaba de apparecer na cidade de Tubarão, tendo como redactores os Snrs. Marcilio S. Thiago e Jorge Boabaid, dois bata-

o mais bello quadro da vontade e da energia, postas ao serviço dos seus compromettimentos. Em cada Jole havia um assomo de supremo vigor physico. Musculos retezados, semblantes congestionados pelo esforço inaudito, movimentos convulsivos de quem procura attingir os paroxismos da força humana — tudo que é possivel ao homem para vencer o homem, alli se experimentava.

Prendia, entretanto, a attenção geral a Jole mais proxima de terra. Havia no bater dos seus dois remos um certo isochronismo revelador de duas vontades perfeitamente orientadas no mesmo sentido. A cada novo arranco, um pequeno busto se alteava á popa e, com um movimento energico e seguro, como que propelia o barco para a avançada.

Qual ginete, a toda brida lançado na pista, vinha a Jole em corrida desenfreada, mais parecendo veloz golpilhinho em douda perseguição pelo oceano a fóra. Rapido, a Jole se approximava das balizas, deixando á distancia as suas contendoras. Já se lhe podia ler o nome,

lhadores estrepados do engrandecimento daquela terra.

Prestando nossa homenagem ao novel collega, damos, a seguir, na integra o seu optimo artigo programma:

**Primeiras palavras**

Que diriamos, como preludeio da nosse actividade no circulo do pensamento escripto, sinão que nos destinamos a labutar nas causas nobres, consoante a divisa adoptada?

Dir-se-a que é o eterno diapação, o eterno sophisma de quem perlustra a estada jornalística.

Póde ser que sim e póde ser que não. Ninguém diga: des a agia não beberei.

O imperio das circunstancias póde, talvez, algum dia, arrastarnos por derrota, não previstas, afastando-nos do objectivo collinado. Entretanto, enegamos o primeiro passo, firmes nas nosas convicções: cremos na missão altruistica do jornal, no successo da sua actuação criteriosa ante o desenrolar dos factos humanos e queremos entrar com a nosa pedrinha para o grande trabalho da evolução e do progresso. E, assim sendo, quizemos, de prompto, com o nome de baptismo, significar o nosso fim principal, que não é outro sinão o de cumprir com mais propriedade os nosos deveres de brasileiros, pugnano pela ascenção do lugar em que nascemos, ou em que vivemos, conscientes de que, por esse modo, pugnamos pela ascenção da Patria.

Orgam, antes de tudo, conciliador e scioso da consideração dos humens de bem, batalharemos a *sutrance* para manter incolume o nosso compromisso de jamais descermos a processos desonestos e incompatíveis com a moral e o bom senso.

Si, porventura, formos obrigados a oppor contradictas a invectivas de qualquer natureza, fal o hemos á altura dos nosos brios e sempre com elevação, não nos chafurdando nunca na impureza de uma linguagem degradante.

O Sr. Jayme Bricio Guilhon, Inspector da Alfandega fez baixar a seguinte patriótica Portaria com relação a data do Centenario da Independencia: N. 127 — 2 de Setembro de 1922

O Inspector em commissão, desejando que esta Repartição associe-se

aos festejos que, em commemoração ao Centenario da Independencia do Brasil, se vão realisar no dia 7 de Setembro proximo, resolve que nesse dia o hasteamento da bandeira nacional se effectue, com toda solemnidade, ás 8 horas, impreterivelmente, na presença de todos os funcionarios, quer internos, quer externos, para o que convida-os a comparecerem no edificio desta Alfandega, no dia e hora acima mencionados, ficando convidado o Sr.

2. Escripturario Arnaldo S. Thiago para fallar sobre aquella data historica. Outrosim, declara aos Snts. Guardamór interino e Administrador das Capatazias que determinem aos seus subordinados da Policia Aduanera: pessoal das embarcações e das Capatazias, que tambem compareçam, sem faltar um só, nos primeiros devidamente uniformizados e os ultimos decentemente trajados, a um acto tao solemne quanto esse, em que o coração de cada bra-

sileiro deve palpar cheio de entusiasmo, desejando cada um contribuir com uma parcella, pequena que seja, da sua boa vontade para que tal commemoração se revista do maior brilho possivel, não devendo, portanto, ser permitido a dispensa de quem quer que seja.

Dê-se conhecimento.

Jayme Guilhon, Inspector.

**1922**

**COLONIA DE PESCADORES Z-2 "NOSSA SENHORA DA GRAÇA"**

**BALANCETE DA RECEITA E DESPEZA DO MEZ DE JULHO**

1922		1922			
Julho 1	Saldo que passou para este mez na caixa economica	5.111	Julho 1	Importancia paga a Ant. D. Silva, de bancos para escola Figueira doc. 1	33.000
.. 26	Juros vencidos neste semestre	19.125	.. 2	Dita idem ao professor da escola Monte de Trigo doc. 2	40.000
.. 28	Depositado na caixa economica	280.000	.. 4	Dita idem ao professor da escola Figueira doc. 3	35.000
.. 31	Em poder do Thesoureiro	9.000	.. 5	Dita idem ao professor da escola Enseada doc. 4	35.000
	Imp. oferecida pelo Socio benemerito Snr. Carlos Hoepcke para auxilio das escolas	200.000	.. 7	Dita idem ao professor da escola do Ubatuba doc. 5	35.000
	Imp. de mensalidades dos socios referentes ao mez de Julho	825.000	.. 9	Dita idem a professora da escola Tenente Nuno doc. 6	30.000
			.. 10	Dita idem a professora da escola mixta Ilha do Mel doc. 7	35.000
			.. 12	Dita idem ao professor da escola Prof. Joaquim S. Thiago doc. 8	35.000
			.. 14	Dita idem ao peizador do peixe e registro de cartas doc. 9 e 10	30.500
			.. 16	Dita idem aluguel da casa onde funciona a escola M. Trigo doc. 11	8.000
			.. 17	Dita idem a Silvestre Cardoso doc. 12	17.500
			.. 19	Dita idem aluguel da casa onde funciona a escola Ilha do Mel doc. 13	10.000
			.. 20	Dita idem a Demetrio Vieira doc. 14	6.000
			.. 21	Dita idem 50 paos para andaime doc. 15	15.000
			.. 24	Dita idem a João Juno de Oliveira doc. 16	40.000
			.. 28	Dita idem impressão d' "O Pescador" doc. 17	50.000
			.. 30	Dita idem da primeira prestação de uma rede e 4 canoas para a Cooperativa da Colonia doc. 18	200.000
			.. 31	Imp. paga aos cobradores e mais despesas doc. 19	147.300
				Saldo na caixa economica	304.306
				Saldo em poder do thesoureiro para compra de livros escolares	231.630
				<b>Total</b>	<b>1:338.236</b>

Visto

Vivente S. Thiago  
Presidente Interno

O Thesoureiro  
Fernando da Silva Torrens.

insculpido na pôpa: „Cruzeiro“ — „Cruzeiro do Sul“. Um assombroso sentimento de pasmus dominava aquella massa humana: ninguém podia imaginar a possibilidade daquella arremetida.

Riachuelinos, Martinellistas... todos os torcedores e todas as torcedoras dos varios clubs em lucta, ficaram como que estarcidos em vendo a pequena Jole desconhecida que procurava, cétere como a flexa partida do arco, alcançar o alvo proximo.

Subito irrompem aclamações

vibrantes de um pequeno grupo de espectadores e Orlando — o denudado patra zinho — sentindo o barco cravar-se entre as balisas da victoria, ergue-se á popa, acenando doudamente com o seu pequeno gorro branco, enquanto os dois insignes Carvalhos, após o ultimo esforço herculeo, levantam os remos, num gesto brusco, em signal de triumpho.

Então irrompem de todos os peitos as aclamações sopitadas e quinze mil vózes, uniso

nas, celebram a victoria descomedida!

Esta va concluida essa grande missão de confirmar, perante a opinião geral do Estado, o elevado conceito em que era tido, entre nós, o club „Cruzeiro do Sul“ — missão a que se propuzeram, com animo sereno e resolute, alguns dos seus associados mais entusiastas.

Sim, estava concluida; mas o destino reserva, para os que sabem ter fé e confiança, sutpre as emocionantes.

Aquella primeira victoria vié- ra tornar conhecido o Club „Cruzeiro do Sul“: fóra o baptismo da sua flammula, até alli acariciada apenas pelas auras da Babitonga e que se desfaldava agora por todo o Estado. Uma segunda victoria seria a glorificação. Ninguém a podia esperar. Entretanto, em alguns corações fulgurava, como longinqua estrella, uma suave esperança...

Continúa